



O crítico José Veríssimo: perspectivas da interpretação

The Critic José Veríssimo: Perspectives of the Interpretation

Marcio Roberto Pereira

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo / Brasil

marcio.pereira@unesp.br

Resumo: Lançada em 1916 e escrita na maior parte da vida literária de José Veríssimo, a *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1602) a Machado de Assis (1908)* reúne as diversas atividades do crítico paraense como um intelectual atuante. Com o objetivo de fazer uma reflexão sobre as facetas do crítico e historiador literário, esse artigo analisa seu trabalho de interpretação da nação brasileira por meio da aproximação entre os diversos discursos que compõem a *História*, em destaque literatura e educação. Ao propor a definição dessas perspectivas, nota-se que a obra final de José Veríssimo possui uma organicidade e um apuramento de seus critérios de análise.

Palavras-chave: José Veríssimo; *História da literatura brasileira*; crítica literária; educação.

Abstract: Published in 1916 and written in most of the literary life of José Veríssimo, the *History of Brazilian Literature: from Bento Teixeira (1602) to Machado de Assis (1908)* gathers the several activities of the critic from Pará as an active intellectual. With the objective of making a reflection on the facets of the critic and literary historian, this essay analyzes his work of interpretation of the Brazilian nation, through the approximation between the various discourses that make up *History*, especially literature and education. In proposing the definition of these perspectives, it is noted that the final work of José Veríssimo has an organicity and a refinement of his analysis criteria.

Keywords: José Veríssimo; *History of Brazilian Literature*; literary criticism; education

Não existe literatura de que apenas há notícias nos repertórios bibliográficos ou quejandos livros de erudição e consulta. Uma literatura, e às modernas de após a imprensa me refiro, só existe pelas obras que vivem, pelo livro lido, de valor efetivo e permanente e não momentâneo e contingente. A literatura brasileira (como aliás sua mãe, a portuguesa) é uma literatura de livros na máxima parte mortos, e sobretudo de nomes, nomes em penca, insignificantes, sem alguma relação positiva com as obras. Estas, raríssimas são, até entre os letrados, os que ainda as versam. Não pode haver maior argumento da sua desvalia.

(VERÍSSIMO, 1916, p. 32).

Remate de sua carreira literária, *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo (1857-1916), define várias linhas que inserem o crítico como um dos principais intelectuais da passagem do século XIX para o XX. Publicada em 1916, a *História* reúne dezenove capítulos e uma introdução metodológica com todas as posicionamentos críticos de José Veríssimo na configuração do pensamento cultural nacional, apresentando uma síntese de quase trinta anos de exercício da história e da crítica, na qual ele reorganiza e ratifica suas posições teóricas e históricas. Dessa forma, coloca-se em prática um lento processo de ruptura com uma crítica de cunho absolutamente cientificista, etnológico ou mesológico. O que Veríssimo procurava era a delimitação de um cânone literário brasileiro focado num “nacionalismo universal”. Segundo Wilson Martins (1957, p. 5):

A preocupação nacionalista o conduzia às leituras universais, pois somente estas poderiam fornecer-lhe os pontos de comparação de que necessitava, as leituras universais despertaram-lhe ou acentuaram-lhe a inclinação estética, da mesma forma porque esta última o projetava para aquelas; enfim; Veríssimo, dominado pelo ideal de uma literatura brasileira, não entendia nem o adjetivo nem no sentido político, nem no sentido sociológico, nem no sentido patriótico: ele queria, sim, uma literatura brasileira, mas que fosse, antes e acima de tudo, uma grande literatura.

Alinhada a esses princípios, a *História da literatura brasileira* de Veríssimo divide-se em duas partes: período colonial e período nacional, nas quais se propõe um roteiro que é determinado no subtítulo da obra: “de Bento Teixeira (1602) a Machado de Assis (1908)”. Ao propor essa direção, o crítico delineia o lento processo de independência cultural

que perpassa a história literária. Assim, Veríssimo publica sua *História da literatura brasileira* no final de sua carreira, expondo o processo de gestação de suas ideias, o amadurecimento de seus conceitos e a seleção de uma tradição literária que foi definindo-se e, conseqüentemente, distanciando-se da matriz portuguesa a partir do século XVII.

Escrita em 1912, a Introdução à *História* confirma esse roteiro e sugere uma perspectiva de leitura que expande as fontes teóricas (a dependência de teóricos franceses e portugueses não é mais característica quando Veríssimo aproxima-se de críticos e historiadores americanos, espanhóis, ingleses, entre outros) para propor um novo caminho para a formação da literatura brasileira, aliando-se ao pressuposto de se colocar a obra de Machado de Assis como ponto de referência não apenas nacional, mas universal. Para João Alexandre Barbosa, a *História da literatura brasileira*:

[...] surgida sob o impacto poderoso que provocara no Brasil a difusão daquilo que ele mesmo [José Veríssimo] chamava de *bando de idéias novas*, sobretudo a partir dos anos 70, isto é, os princípios do positivismo, do evolucionismo e do determinismo, não apenas buscava fazer a crítica de princípios românticos que informara a atividade crítico-histórica imediatamente anterior, mas fazia da história literária a expressão de uma interpretação de largo espectro da cultura no Brasil, a [*História*] de José Veríssimo já revelava o diálogo, sempre problemático para um homem de sua formação, em tudo semelhante à de Sílvio Romero, com os novos modelos de crítica, instaurados, como sempre acontece, a partir das próprias inovações literárias. (BARBOSA, 2002, p. 116).

Ao tomar o posicionamento de um crítico literário que produz julgamento e determina uma escala de valores valendo-se da historiografia como referencial, Veríssimo evita se posicionar como um historiador no sentido mais restrito do termo. Ele estabelece um amplo campo intelectual, transformando a crítica literária numa maneira que traduz, legítima, e hierarquiza as obras literárias a partir de fatores intrínsecos e extrínsecos ao seu horizonte intelectual de ação. Assim, a trajetória da literatura brasileira está em sintonia com os aspectos históricos, sociais, linguísticos, educacionais, entre outras linhas análogas que se destacam na obra de Veríssimo.

Segundo José Veríssimo, deste modo, a formação do leitor relaciona-se de forma direta ao método pelo qual o crítico literário –

“guardião da tradição” – seleciona, analisa e interpreta as obras literárias, e, conseqüentemente, os escritores mais importantes para a cultura nacional. Conforme o crítico, “a literatura, como arte literária é, como toda arte, proeminentemente expressão” (VERÍSSIMO, 1936, p. 133). Ao considerá-la como “expressão”, a literatura deve “representar” a independência das letras nacionais e, por consequência, do leitor, objetivo primordial de Veríssimo. Destaca-se que sua atuação como professor e crítico eram intercaladas com tarefas como a de fundador e secretário da Academia Brasileira de Letras, o que confirma sua constante participação em suas atividades com intelectual. Dessa forma, para o crítico é com o Romantismo que o público leitor brasileiro adquire a consciência de sua importância para a formação de uma literatura, gerando uma sintonia entre obra, público e crítica. Segundo José Veríssimo (1936, p. 133-134):

O nosso Romantismo foi, a nossa emancipação literária, 1) dotando as nossas letras, até aí quase confinadas na poesia, com o teatro, a história literária, a crítica, os estudos filosóficos, as letras morais, o romance, a novela, o conto, enfim, todos os gêneros literários; 2) traduzindo fielmente os sentimentos e aspirações da nova nacionalidade, ainda vivamente abalada pelos sucessos da Independência, do Sete de Abril, das Regências e da Maioridade; 3) exprimindo tais sentimentos, e a alma nova que aqui se criava, não mais respeitosamente segundo o modelo castiço, porém segundo o nosso falar nativo.

Ao analisar a composição da Introdução e dos capítulos da *História da literatura brasileira*, observa-se que eles são escritos, remodelados, cortados, ampliados e amadurecidos no decorrer de toda a carreira de José Veríssimo. Isso se deve aos muitos espaços de atuação que perpassam a carreira de Veríssimo, não se restringindo apenas ao jornal ou aos livros, mas promovendo uma atuação em espaços como a sala de aula, os conservatórios e bibliotecas, entre outros. O capítulo 1 da *História da Literatura Brasileira*, por exemplo, foi escrito a partir do aproveitamento de ideias de dois principais artigos: “Sobre a formação da literatura brasileira”¹ e “A nossa evolução literária”.²

¹ Publicado na *Kosmos: revista artística, científica e literária*, a. III, n. 12, dez.1906.

² Conferência pronunciada na Biblioteca Nacional, em 26 de setembro de 1912. Posteriormente publicada nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, v. 35, 1913, Rio de Janeiro, p. 11-21, 1916. A conferência também foi publicada nos Últimos Estudos de Literatura Brasileira (7ª série, 1979, p. 43-57).

José Veríssimo sempre foi um crítico preocupado em traçar grandes panoramas para a literatura brasileira. No entanto, esse processo foi refinando-se no decorrer de sua carreira, seja quando tratava de movimentos literários, seja quando tratava de escritores de forma isolada. Uma característica, contudo, é marcante na *História da literatura brasileira*: o delineamento de ideias gerais com diversos nomes que, no decorrer do texto, vão afunilando-se num nome de maior representatividade. Isso acontece nos capítulos da *História* e ocorre, também, nos capítulos dedicados a individualidades literárias, sempre se destacando uma espécie de amadurecimento da obra ou do estilo do autor analisado.

Ao se cotejar os capítulos com os textos que serviram de base para compor a *História da literatura brasileira*, nota-se como esse processo se concretiza:

QUADRO 1 – Comparação entre duas versões de José Veríssimo sobre a formação da literatura brasileira

<p>VERÍSSIMO, J. Capítulo 1: A primitiva sociedade colonial. In: <i>História da literatura brasileira</i>: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916.</p>	<p>VERÍSSIMO, J. Sobre a formação da literatura brasileira. <i>Kosmos</i>: revista artística, científica e literária, a. III, n. 12, dez.1906.</p>
<p>1- Não é, pois, de estranhar que em nenhum dos primeiros cronistas e noticiadores do Brasil, no primeiro e ainda no segundo século da colonização, mesmo quando já havia manifestações literárias, se não encontre a menor referência ou alusão a qualquer forma de atividade mental aqui, a existência de um livro, de um estudioso ou cousa que o valha. O padre Antonio Vieira, homem de letras como era, em toda a sua obra, abundante de notícias, referências e informes do Brasil do século XVII, apenas uma vez, acidental e vagamente lhe alude á literatura. Foi quando, escrevendo ao mordomo-mor do Reino, contou, jogando de vocábulo, que na Bahia, “sobre se tirarem as capas aos homens (por decisão de um novo governador) têm dito mil lindezas os poetas, sendo maior a novidade deste ano (1682) nestes engenhos do que nos de açúcar.”</p>	<p>1- Em nenhum dos primitivos cronistas e narradores das coisas do Brasil, no primeiro e ainda na maior parte do segundo século da colonização, se encontra mínima referência, ou sequer vaga alusão, a alguma manifestação, por insignificante que fosse, de qualquer forma de vida espiritual aqui, a existência de um livro, de um estudioso, ou coisa que valha. O padre Antônio Vieira, um homem de letras, em toda a sua vasta obra, abundante de notícias, referências, alusões ao Brasil nunca deixou perceber que houvesse aqui alguma, mesmo apagada, preocupação intelectual.</p>

<p>2- Entretanto no tempo de Vieira, a maior parte do século XVII, já no Brasil havia manifestações literárias no mediocre poema de Bento Teixeira (1601) e nos poemas e prosas ainda então inéditas mas que circulariam em cópias ou seriam conhecidas de ouvido, de seu próprio irmão Bernardo Vieira Ravasco, do padre Antonio de Sá, pregador, de Eusébio de Matos e de seu irmão Gregório de Matos, o famoso satírico, de Botelho de Oliveira, sem falar nos que incógnitos escreviam relações, notícias e crônicas da terra, um Gabriel Soares (1587), um Frei Vicente do Salvador, cuja obra é de 1627, o ignorado autor dos Diálogos das grandezas do Brasil e outros de que há notícia.</p>	<p>2- No tempo de Vieira, segunda metade do século XVII, já no Brasil havia manifestações literárias no mediocre poema de Bento Teixeira (1601) e nos poemas e prosas, ainda não inéditos, mas que circulariam em cópias ou seriam conhecidos de tradição, de Bernardo Vieira Ravasco, irmão do famoso padre, do padre Antonio de Sá, pregador, de Eusébio de Matos, o famoso satírico, de Manoel Botelho de Oliveira, sem falar nos que, desconhecidos, modestos, escondidos, escreviam relações e memórias da terra, um Gabriel Soares (1540), um Fr. Vicente do Salvador (1564-163...), um Padre Francisco de Souza (1628-1713), o autor ignorado do <i>Diálogos das grandezas do Brasil</i> [...]</p>
<p>3- Não trouxeram, pois, os portugueses para o Brasil algo do movimento literário que ia àquela data em sua pátria. Mas evidentemente trouxeram a capacidade literária já ali desde o século XIII pelo menos revelada pela sua gente e que naquele em que aqui se começaram a estabelecer atingia ao seu apogeu. As suas primeiras preocupações de ordem espiritual, que possamos verificar, produziram-se quase meio século após o descobrimento com a chegada dos primeiros jesuítas em 1549, e sob a influencia destes. As escolas de ler, escrever e contar, gramática latina, casos de consciência, doutrina cristã e mais tarde retórica e filosofia escolástica, logo abertas por esses padres nos seus “colégios”, imediatamente á sua chegada fundados, foram a fonte donde promanou, no primeiro século, toda a cultura brasileira e com ela os primeiros atentos da literatura.</p>	<p>3- Os portugueses não trouxeram, pois, para o Brasil nada do movimento literário da sua pátria. Mas evidentemente trouxeram a capacidade literária revelada por sua gente. As escolas, de ler, escrever e contar, gramática latina, casos de consciência, doutrina cristã e mais tarde retórica e filosofia escolástica que aqueles padres logo abriram nos seus “colégios” foram a fonte donde derivou, no primeiro século, toda a cultura brasileira, e com ela a literatura.</p>

Os fragmentos da coluna esquerda, que compõem o capítulo I da *História da literatura brasileira*, intitulado “A primitiva sociedade colonial”, mostram o processo de montagem de panoramas que traçam a “evolução” da sociedade brasileira em sintonia com o aparecimento de escritores com um melhor aparato estético. É importante observar que, ao preparar e refinar seus textos em jornais, revistas, palestras, conferências, etc., o crítico também modula sua obra final.

José Veríssimo sempre se preocupou em traçar panoramas para a literatura brasileira. Ao escrever ensaios panorâmicos, o crítico pretendia “fornecer aos que porventura se interessam pelo assunto uma noção tão exata e tão clara quanto em meu poder estiver, do nosso progresso literário, correlacionado com a nossa evolução nacional” (VERÍSSIMO, 1916, p. 23).

Entre “avanço literário” e “evolução nacional” percebe-se que há um descompasso porque literariamente existe uma linha progressiva, de Bento Teixeira a Machado de Assis. Porém, a sociedade e, conseqüentemente, a educação nacional, não conseguem adquirir o desenvolvimento das nações europeias, nem mesmo o “desenvolvimento” adquirido pela literatura nacional. É nesse “descompasso” que se constrói a *História da literatura brasileira*, mesclando capítulos panorâmicos com capítulos individuais. Nota-se, também, na composição da obra de José Veríssimo, como é possível observar no cotejo dos fragmentos acima, que o geral e o particular sempre se equilibram no contraponto entre literatura e sociedade, entre escritor e movimento literário e, por fim, entre teorias estrangeiras e interpretação da realidade local.

Assim sendo, a literatura brasileira, para José Veríssimo, mesmo possuindo uma representação universal na obra de Machado de Assis, contrapõe-se a uma sociedade que continua na ignorância. “Para reformar e restaurar um povo,” – escreve Veríssimo (1906, p. 52) – “um só meio se conhece, quando não infalível, certo e seguro, é a educação, no mais largo sentido, na mais alevantada acepção desta palavra”.

Conforme João Alexandre Barbosa (1974, p. 196):

Dizendo de outro modo, não haveria espaço mais apropriado do que o da história literária para servir como ponto de fusão entre os critérios de que se embebera em sua formação (etnologia, nacionalismo) e aqueles propostos pela revisão a que submetera os anteriores por força das novas influências e do próprio evolover, como já se viu, da sociedade brasileira que o crítico passara a experimentar a partir de 1891.

Esse “ponto de fusão”, destacado por Barbosa, é responsável pela constante remodelação das ideias e perspectivas de José Veríssimo que, na *História da literatura brasileira* ganha seu formato mais orgânico. Para isso é muito importante destacar a Introdução que, conforme explicitado acima, foi escrita em 1912. Mesmo possuindo um hiato temporal até sua

inserção na *História*, em 1916, observa-se que o projeto de Veríssimo amadurece pela constante exposição e confronto de ideias, polêmicas e divulgação constante nas páginas de jornais e revistas. Na compreensão de Heron de Alencar (1963, p. XXI):

E seu ler é um ler ativo, de quem procura por exigência prática, nunca por diletantismo; e seu trabalho é um constante criar e recriar de instrumentos para melhor conhecer o objeto de seu estudo, jamais a ostentação de um saber puramente retórico, quase nunca a expressão de entusiasmos irrefletidos por novidades estéticas, filosóficas ou literárias.

Seja por “fusão” ou por uma intensa atividade, José Veríssimo redefine e remodela seus textos com a intenção de construir uma história da literatura brasileira a partir de seu próprio entendimento sobre o conceito de literatura. Em 1889, no Pará, ao publicar *Estudos brasileiros* (1877-1885) e analisar todo o contexto de formação, divulgação e recepção da obra literária em seus diversos contextos, o crítico entende que a literatura é “sinônimo do conjunto de todas as manifestações de ordem intelectual trazidas pela escrita no domínio da ciência, no domínio da arte ou no domínio das letras” (VERÍSSIMO, 1889, p. 18). Tal posição vai sendo ratificada e reelaborada no decorrer da carreira do crítico, em especial quando este muda-se para o Rio de Janeiro, tornando-se mais atuante no contexto cultural do Brasil.

Em sua obra *Que é literatura? e outros escritos*, publicada no Rio de Janeiro em 1907, Veríssimo amplia seu horizonte de referências teóricas a partir de críticos como o português Moniz Barreto (1865-1896), o norte-americano C.T. Winchester (1847-1920) e o francês Brunetière (1849-1906), esboçando uma nova definição sobre arte literária:

Várias são as acepções do termo literatura: conjunto da produção intelectual humana escrita; conjunto de obras especialmente literárias; conjunto (e esse sentido, creio, nos veio da Alemanha) de obras sobre um dado assunto, ao que chamamos mais vernaculamente bibliografia de um assunto ou matéria; boas letras; e, além de outros derivados secundários, um ramo especial daquela produção, uma variedade da Arte, a arte literária. (VERÍSSIMO, 1907, p. 14).

No lento processo de adaptação das matrizes teóricas vindas da Europa e dos Estados Unidos, Veríssimo constrói seu conceito de literatura que, por sua vez, servirá de ponto de referência para entender e justificar a ideia de uma história da literatura brasileira que inicia-se em 1602, porque já possui aquilo que Antonio Candido definirá posteriormente como “sistema literário”, finalizando em um ponto máximo de referência, até aquele momento, com a obra de Machado de Assis. Ademais, nota-se que o papel do crítico como um formador de leitores aproxima José Veríssimo da plena inserção da literatura no contexto educacional brasileiro. Tal refinamento terá como resultado a seguinte definição de literatura:

Somente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artificios de invenção e de composição que a constituem, é, a meu ver, literatura. Assim pensando, quiçá erradamente, pois não me presumo de infalível, sistematicamente excluo da história da literatura brasileira quanto a esta luz se não deva considerar literatura. Esta é neste livro sinônimo de boas ou belas-letas, conforme a vernácula noção clássica. Nem se me dá da pseudonovidade germânica que no vocábulo literatura compreende tudo o que se escreve num país, poesia lírica e economia política, romance e direito público, teatro e artigos de jornal e até o que se não escreve, discursos parlamentares, cantigas e histórias populares, enfim autores e obras de todo o gênero. (VERÍSSIMO, 1916, p. 10).

A definição acima reforça o caráter revisionista proposto por José Veríssimo ao situar a literatura em diversos contextos – arte, educação, sociedade, história, entre muitos outros – pluralizando os contextos, mas explicitando a natureza independente do aspecto literário. Nesse sentido, o posicionamento do crítico literário amplia-se para uma nova configuração: a do intelectual. Ou seja, aquele que congrega todos os aspectos que permeiam, orbitam e compõem a atividade literária. O escritor seria, dessa forma, parte de um macrocosmo de atividades que teriam por objetivo aquilo que Antonio Candido definia como “processo de humanização”.³

³ Segundo Candido (2004, p. 180), a humanização é “o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade

Em outras palavras, a permanência da tradição literária no presente caracteriza-se por uma percepção dinâmica que transcende o valor estético. Nas palavras de Veríssimo (1916, p. 13):

A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação. Como não cabem nela os nomes que não lograram viver além do seu tempo também não cabem nomes que por mais ilustres que regionalmente sejam não conseguiram, ultrapassando as raias das suas províncias, fazerem-se nacionais. Este conceito presidiu à redação desta história, embora com a largueza que as condições peculiares à nossa evolução literária impunham.

A constante percepção de encarar a crítica, ou o trabalho intelectual, como sendo responsável pela formação de uma “memória coletiva de nação” levou José Veríssimo a estabelecer contrapontos entre a profissionalização do escritor, a qualidade das obras literárias, a formação do cânone nacional e o papel da crítica como mediadora eficaz do processo de formação de leitores. O crítico paraense buscava permanente o cruzamento da atividade literária com a educação nacional. Por isso, atuava de forma combatente nos jornais, revistas e espaços de cultura em sua época. Conforme bem define João Alexandre Barbosa (1996, p. 198):

As atividades educacionais de José Veríssimo, portanto, podem servir para mais caracterizar as suas vinculações com toda uma geração convencida da urgência de pôr o Brasil na corrente de reflexões e métodos novos, atraída, por isso, pelos modelos educacionais que incluíam não somente uma parcela muito maior das populações urbanas, como ainda exigiam maior responsabilidade dos governantes.

Apesar desse prolongamento da condição colonial em que vivia grande parte da população, a sociedade brasileira se desenvolvia a partir de um modelo centrado nas atividades urbano-comerciais em que o

de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante”.

analfabetismo constituía um entrave ao crescimento do país, considerando que o domínio da leitura e da escrita são instrumentos necessários para a inclusão de grande parte da população no contexto social.

Alguns intelectuais defendiam o combate ao analfabetismo como forma de valorização do nacionalismo e da formação patriótica de um país que ainda era fragmentado politicamente. Os bacharéis do século XIX visualizavam a criação de uma ideologia que indicava a educação como fim de todos os males sociais, procurando solidificar uma estratificação social que integrasse o indivíduo à sociedade através da recriação, via educação, de relações sociais entre estruturas desiguais. Segundo José Veríssimo (1907, p. 58): “pessimamente organizada, a instrução pública no Brasil não procurou jamais ter uma função na integração do espírito nacional. A escola viveu sempre acaso mais isolada pelo espírito que pelo espaço e topografia.” Isso se deve porque o ensino sempre esteve muito ligado ao Estado, não existindo uma preocupação, por parte dos intelectuais, com os aspectos pedagógicos e a formação da nação. Somente após a República, os bacharéis, excluídos do poder, começam a acreditar na educação como uma forma de diminuir o atraso em relação ao mundo europeu. Ao se observar o contraponto entre cultura europeia e brasileira, Veríssimo (1977, p. 162) define que:

Para se compreender perfeitamente o espírito de um povo é necessário estudar bem os diferentes elementos que o compõem. É sobre esse critério que assentamos o nosso modo de pensar de que é do estudo bem feito dos elementos étnicos e históricos de que se compõe o Brasil, da compreensão perfeita do nosso estado atual, de nossa índole, de nossas crenças, de nossos costumes e aspirações que poderá sair uma literatura que se passa a chamar conscientemente brasileira, à qual ficará reservado o glorioso destino de fazer entrar este país, pela forte reação de que falamos atrás, numa nova via de verdadeira civilização e progresso.

O exemplo do limitado acesso à educação, por parte da maioria da população brasileira, pode ser apontado através da sinopse do recenseamento realizado em setembro de 1920:

TABELA 1 - Sinopse do recenseamento realizado em setembro de 1920

População brasileira	Sabem ler e escrever % sobre o total de habitantes considerados	Não sabem Ler e escrever	Total de habitantes
1872	1.564.481	8.365.997	9.930.478
	16%	84%	—
1890	2.120.559	12.213.356	14.333.915
	15%	85%	—
1900	4.448.681	12.989.753	17.438.434
	25%	75%	—
1920	7.493.357	23.142.248	30.635.605
	24%	76%	—

A tabela acima, de acordo com a *Sinopse do Recenseamento realizado em setembro de 1920*, referente ao estudo intitulado “A população do Brasil: coeficientes da população dos Estados do Brasil em 1872, 1890 e 1920 conforme o grau de instrução e idade” (SINOPSE..., 1925, p. 26-27) indica que no século XIX e início do século XX a alfabetização era privilégio de poucos e a prática da leitura, dessa forma, ficava restrita a uma elite que norteava o padrão cultural da nação. Além do acesso limitado à educação, o consumo de outros meios de cultura, como jornais, revistas, livros, acessos a bibliotecas também ficavam circunscritos a uma minoria que também delineava os padrões culturais e artísticos. É importante observar que as porcentagens entre os que sabem ler e escrever quase não se alteraram no decorrer dos anos, mostrando a ausência de políticas públicas para a educação nacional.

Dessa forma, a importância de intelectuais que repensassem a literatura e as artes em geral, num contexto mais amplo de nação, migrava para o espaço dos jornais, revistas e, posteriormente, para o livro as discussões sobre o papel da educação e da cultura no desenvolvimento da sociedade. Nota-se, portanto, que a construção da *História da literatura de brasileira* de Veríssimo não é apenas a busca por unificar e acompanhar a trajetória de autores e obras que ratificavam a existência de uma nação imaginada literariamente, mas denota um importante projeto de desenvolvimento de um método crítico que espalha-se por diversas

instâncias, assim como o papel do intelectual. No pensamento de Antonio Candido (2000, p. 101):

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução de nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus.

Essa dialética que perpassa a escola, as universidades, as bibliotecas, os jornais e revistas, a Academia Brasileira de Letras, os conservatórios de música e teatro, as histórias da literatura, entre diversas outras instâncias, dinamiza a discussão sobre a necessidade de novas relações entre o Brasil e outras nações. Assim sendo, a *História* representa uma espécie de distanciamento do meio e do momento tornando-se dissonante frente a uma sociedade que possuía uma crença nas reformas sociais e políticas da República, mas, ao mesmo tempo, convivia com a continuidade de um modelo de exploração colonial.

Consciente do importante papel da literatura no processo de desenvolvimento da sociedade brasileira, José Veríssimo entende a ideia de nacionalismo além do contexto de uma nação imaginada, mas, por outro lado, inserida no contexto do Brasil:

O iletrado brasileiro – ainda a pouco 84% da população – nada encontrou que impressionando seus sentidos lhe falasse da pátria e a seu modo fosse também um fator de sua educação. Não há museus, não há monumentos, não há festas nacionais. O que frequentou a escola onde lhe não fizeram conhecer e amar, desadorando a leitura e o estudo, não procurou fazer-se a si próprio uma educação patriótica. Esta mesma boa vontade ser-lhe-ia, aliás, difícil realizar, pela falta de elementos indispensáveis. Porque, em virtude mesmo desta indiferença pelas coisas nacionais, conforme vou aqui apontando, de modo algum combatida pela educação pública, é paupérrima a mesma literatura nacionalista. (VERÍSSIMO, 1907, p. 165).

As diversas atividades de José Veríssimo redundam na busca por uma história da literatura que acompanhasse não apenas o individual aprimoramento da qualidade estética dos escritores que compõem o

cânone proposto na *História da literatura brasileira*. O crítico busca a implementação de uma educação, não apenas centrada nas questões nacionais, mas também em temas e problemas universais. Nesse sentido, a obra de Veríssimo representa a imagem de um nacionalismo universal, que necessitava de mediadores e espaços de interação capazes de promover o “esclarecimento” do indivíduo e da nação.

Referências

ALENCAR, H. de. Sobre José Veríssimo. In: VERÍSSIMO, J. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 4. edição. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

BARBOSA, J. A. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

BARBOSA, J. A. *A História da literatura brasileira de José Veríssimo*. In: BARBOSA, J. A. *Alguma crítica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BARBOSA, J. A. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.

CANDIDO, A. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 8. edição. São Paulo: T. A Queiroz: Publifolha, 2000.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004. p. 169-191.

MARTINS, W. O crítico José Veríssimo. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 maio 1957. (Suplemento literário).

SINOPSE do Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920. População do Brasil: Coeficientes da população dos Estados do Brasil em 1872, 1890 e 1920 segundo o grau de instrução e a idade. Rio de Janeiro: Imprensa Estatística, 1925.

VERÍSSIMO, J. *A educação nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

VERÍSSIMO, J. *Estudos brasileiros (1877-1885)*. Pará: Tavares Cardoso & C, 1889

VERÍSSIMO, J. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916.

VERÍSSIMO, J. *José Veríssimo: teoria crítica e história literária*. Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977.

VERÍSSIMO, J. Literatura brasileira. In: VERÍSSIMO, J. *Letras e literatos: estudinhos críticos da nossa literatura do dia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

VERÍSSIMO, J. *Que é literatura? e outros escritos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

Recebido em: 28 de abril de 2019.

Aprovado em: 23 de agosto de 2019.